

MATO GROSSO *No grupo de sete pessoas, supostamente ameaçado com rifles, havia quatro turistas vindos da Europa*

Grupo de indígenas xavantes é acusado de assaltar viajantes

CASSIANO ELEK MACHADO
DA REPORTAGEM LOCAL

Um grupo de índios xavantes é acusado de assaltar turistas, no último dia 19, em Mato Grosso.

Eles teriam sido abordados por 16 índios armados com rifles quando acampavam em um ilha

próxima da reserva Pimentel Barbosa, quatro dias depois do início da viagem.

Os sete turistas, acompanhados de quatro guias, viajariam 14 dias pelo rio das Mortes, de Nova Xavantina até São Félix do Araguaia.

Antes de assaltar o grupo, do qual faziam parte dois franceses, um alemão e um suíço, uma delegação menor dos índios esteve duas vezes no acampamento.

“A atitude deles não parecia agressiva. Eles nos perguntaram, em português, o que fazíamos ali”, explica o arquiteto Júlio Cesar Corbucci, um dos organizadores da viagem. “Explicamos que só estávamos passeando.”

Na terceira visita, 16 xavantes armados teriam rendido os turistas no momento em que eles colocavam seus equipamentos nos barcos para continuar a viagem. A ação teria durado 45 minutos.

“Eles tinham uma atitude claramente hostil. Gritavam em aparente desordem, em língua xavante”, explicam os 11 viajantes, em texto que enviaram para a Funai, para a Polícia Federal e para as embaixadas francesa e alemã.

Segundo Corbucci, os índios levaram equipamentos no valor aproximado de R\$ 20 mil, incluindo dois dos três barcos com os quais o grupo viajava. Todos os objetos pessoais dos turistas, incluindo seus documentos, também teriam sido levados.

“Nem sei se eles não queriam nos levar também. Naquela altura ainda não sabíamos que estava na moda essa história de refém”, brinca o arquiteto, em referência ao sequestro de 15 turistas por índios caiapós, que terminou anteatem, no sul do Pará.

“Não acreditamos que o assalto tenha sido político, como o se-

questro feito pelos caiapós. Acho que foi uma ação isolada, de alguns membros daquela comunidade xavante”, explica Corbucci.

“Só pode ter sido um mal-entendido”, diz o arquiteto alemão Matthias Raasch, que também participava da viagem.

Uma semana depois do assalto, quando foi registrar o ocorrido na embaixada alemã, em Brasília, Raasch diz ter ficado surpreso ao saber que entidades não-governamentais da Alemanha estão entre as principais fontes de recurso da reserva Pimentel Barbosa.

“Em dezembro, o cacique da aldeia que nos assaltou vai com um grupo deles dançar na Alemanha”, diz Corbucci.

Ele também esteve em Brasília para falar com o presidente da Funai, Glênio Alvarez, mas não teve sucesso (leia abaixo).

Antes disso, o grupo esteve tentando registrar a ocorrência em postos mato-grossenses da Polícia Federal e da Funai.

“Só queremos nossas tralhas de volta”, diz Corbucci.

Mais desanimado que ele, o arquiteto alemão explicou: “Quando eles chegaram, fiquei fascinado. Eu sempre brincava de índio quando era criança. Depois disso, eles perderam toda a magia”.





Arquivo pessoal

Índios xavantes flagrados por turista francesa, uma das sete vítimas de assalto em Mato Grosso

Índios se defenderam, diz Funai

DA REPORTAGEM LOCAL

Ocorrido há mais de duas semanas, o conflito entre os índios xavantes e um grupo de turistas ainda não havia sido divulgado porque os turistas esperavam alguma providência da Funai.

“A chefe de gabinete da Funai disse que o presidente da entidade falaria comigo até terça. Liguei, mandei e-mail e fax, mas até agora nada”, disse Júlio Cesar Corbucci à **Folha** na noite de sexta.

Procurada pela reportagem, a Funai disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que os índios realizaram o ataque porque

se sentiram ameaçados. De acordo com o assessor da entidade, os turistas estavam dentro da reserva dos xavantes.

“É mentira”, responde Corbucci. “Estávamos em uma ilha que fica fora das áreas demarcadas.” Segundo ele, o documento no qual a Funai se baseia está cheio de imprecisões.

A assessoria de imprensa da entidade declarou que todos os demais esclarecimentos sobre o episódio deveriam ser feitos por Tânia Barreto, da Procuradoria Jurídica da Funai. Procurada pela **Folha**, ela não respondeu às ligações até 23h30 de sexta-feira.